



ESQUECIMENTO

Não te rebelas contra o esquecimento em que te mergulhas, na experiência da Terra, e aprende a valorizar o minuto para materializar o bem, assim como o tecelão aproveita o fio para fazer a própria vestidura.

Sob a neblina da carne, reencontramo-nos pontualmente uns com os outros para corrigir e sublimar.

A consanguinidade, por isso mesmo, quase sempre é o bendito santuário do reajuste.

Aí dentro, nos altares invisíveis do coração, é possível desculpar sempre, ajudar sem repouso e repetir suaves lições de humildade, a fim de que nossa alma se desenfaixe de pesados compromissos com as sombras.

Não te preocupes se a memória anestesiada pela Misericórdia Divina se revela incapaz de reconhecer os adversários e as afeições de ontem.

Em ti mesmo, por tuas tendências e princípios, sabes quem foste. E, em teu lar, pelos conflitos e necessidades que a experiência doméstica te apresenta, sabes o que deves.

Somos ainda o reflexo do que somos.

Obtemos do mundo o que merecemos.

Desse modo, saibamos retificar o passado, com a observância do bem, nas horas do presente, e o porvir responder-nos-á com a seara de amor e luz, paz e alegria que nos propomos alcançar.

A luta terrestre é campo imenso, em cuja superfície podemos projetar as sementes da bondade, todos os dias.

Comecemos, porém, pelo canteiro de casa. Nossos pais e nossos filhos, o esposo e a esposa, o irmão e o amigo são leiras de espiritualidade, esperando por nossas demonstrações de concurso fraterno.

Não olvides a aplicação dos ensinamentos de Jesus, por onde segues, e o esquecimento transitório da vida física surgir-te-á como sendo a ponte bendita de acesso à sublimação integral.

Emmanuel

Do livro: *Mãos Marcadas*. IDE
Psicografia: Francisco C. Xavier



Itens do Livro a serem estudados:
O Livro dos Espíritos – Cap. VII – Segunda Parte –
“Retorno à Vida Corporal”, itens 392 a 399

ESQUECIMENTO DO PASSADO

392. Por que o Espírito encarnado perde a lembrança de seu passado?

“O homem não pode, nem deve, saber tudo; Deus, na sua sabedoria, assim o quer. Sem o véu que lhe oculta certas coisas, o homem ficaria ofuscado, como aquele que passa, sem transição, da escuridão para a luz. *Com o esquecimento do passado, ele se sente mais senhor de si.*”

393. Como o homem pode ser responsável por atos e resgatar faltas de que não se lembra? Como pode aproveitar da experiência adquirida em outras existências caídas no esquecimento? Conceberíamos que as tribulações da vida fossem uma lição para ele, se se recordasse do que as tivesse ocasionado; porém, desde o momento em que disso não se recorda, cada existência é para ele como se fosse a primeira e, assim, está sempre a recommear. Como conciliar isto com a justiça de Deus?

“A cada nova existência, o homem dispõe de mais inteligência e pode melhor distinguir o bem do mal. Onde estaria o seu mérito, se ele se lembrasse de todo o passado? Quando o Espírito retorna para sua vida primitiva (a vida espiritual), toda sua vida passada desenrola-se diante dele; ele vê as faltas que cometeu e que são a causa de seu sofrimento, e o que teria podido impedi-lo de cometê-las; compreende que a posição que lhe é dada é justa e busca, então, a existência que possa reparar a que acaba de transcorrer. Procura provas análogas àquelas pelas quais passou ou as lutas que acredite apropriadas ao seu adiantamento e pede aos Espíritos, que lhe são superiores, para ajudá-lo nessa nova tarefa que empreende, pois sabe que o Espírito que lhe será dado como guia, nessa nova existência, procurará fazê-lo reparar suas faltas, dando-lhe uma espécie de *intuição* das que cometeu. Esta intuição é o pensamento, o desejo criminoso que, frequentemente, vos assalta, e ao qual resistis, instintivamente, atribuindo, a maior parte do tempo, vossa resistência aos princípios que recebestes de vossos pais, quando é a voz da consciência que vos fala; essa voz é a recordação do passado, voz que vos adverte para não cairdes novamente nas faltas que já cometestes. Tendo entrado nessa nova existência, se o Espírito passa por essas provas com coragem e resiste, eleva-se e sobe na hierarquia dos Espíritos, quando retorna para o meio deles.”

Se não temos, durante a vida corporal, uma lembrança precisa do que fomos e do que fizemos de bem ou de mal, nas nossas existências anteriores, temos disto a intuição, e nossas tendências instintivas são uma reminiscência de nosso passado, às quais nossa consciência, que é o desejo que experimentamos de não mais cometer as mesmas faltas, nos adverte para resistir.

394. Nos mundos mais adiantados que o nosso, onde não se acham premidos por todas as nossas necessidades físicas, nossas enfermidades, os homens compreendem que são mais felizes do que nós? A felicidade, em geral, é relativa; sentimo-la por comparação com um estado menos feliz. Como alguns desses mundos, embora melhores do que o nosso, não se encontram no estado de perfeição, os homens que os habitam devem ter, a seu modo, motivos de desgostos. Entre nós, o rico, mesmo que não sinta as angústias das necessidades materiais, como o pobre, nem por isso tem menos tribulações, que tornam sua vida amarga. Ora, pergunto se, na posição em que se encontram, os habitantes desses mundos não se

consideram tão infelizes quanto nós e não se lamentam de sua sorte, já que não possuem a lembrança de uma existência inferior como termo de comparação?

“A isto, é preciso dar duas respostas distintas. Há mundos, entre os de que falas, cujos habitantes possuem uma lembrança muito clara e muito precisa de suas existências anteriores; esses, compreendes, podem e sabem apreciar a felicidade que Deus lhes permite fruir; há outros, porém, cujos habitantes, colocados, como o dizes, em melhores condições do que vós, não deixam de enfrentar grandes desgostos e até desgraças; estes não apreciam sua felicidade, pelo motivo mesmo de não se recordarem de um estado ainda mais infeliz. Se não a apreciam como homens, apreciam-na como Espíritos.”

Não há, no esquecimento dessas existências passadas, sobretudo quando tenham sido penosas, algo de providencial, onde se revela a sabedoria divina? É nos mundos superiores, quando a recordação das existências infelizes não constituir mais que um pesadelo, que elas se apresentam à memória. Nos mundos inferiores, as desgraças presentes não seriam agravadas pela recordação de todas aquelas que já tenham sido suportadas? Concluamos daí, pois, que tudo o que Deus fez está bem feito e que não nos cabe criticar suas obras, nem dizer como ele deveria ter regulado o Universo.

A lembrança de nossas individualidades anteriores teria inconvenientes muito graves; ela poderia, em alguns casos, nos humilhar singularmente; em outros, exaltar nosso orgulho e, por isso mesmo, entravar nosso livre-arbítrio. Para nos melhorarmos, Deus nos deu apenas o que nos é necessário e suficiente: a voz da consciência e nossas tendências instintivas; ele nos retira o que poderia nos prejudicar. Acrescentemos, ainda, que, se tivéssemos a lembrança de nossos atos pessoais anteriores, teríamos, igualmente, a dos atos de outrem e que esse conhecimento poderia ter os efeitos lamentáveis, sobre as relações sociais; nem sempre podendo nos dignificar do nosso passado, é melhor que, prontamente, um véu seja lançado sobre ele. Isto está perfeitamente de acordo com a doutrina dos Espíritos, acerca dos mundos superiores ao nosso. Nesses mundos, onde só reina o bem, a lembrança do passado nada tem de penosa; eis por que lembrar-se de sua existência anterior é como lembrar-se do que se fez na véspera. Quanto à estada em mundos inferiores, não passa, como já o dissemos, de um sonho ruim.

395. Podemos ter algumas revelações sobre nossas existências anteriores?

“Nem sempre. Todavia, muitos sabem o que foram e o que faziam; se lhes fosse permitido dizê-lo, abertamente, fariam singulares revelações sobre o passado.”

396. Algumas pessoas julgam ter uma vaga lembrança de um passado desconhecido, que a elas se apresenta, como a imagem fugidia de um sonho que, em vão, tentam reter. Não será apenas uma ilusão?

“É, algumas vezes, real; mas, frequentemente, também é uma ilusão, contra a qual é preciso se resguardar, pois pode ser o efeito de uma imaginação superexcitada.”

397. Nas existências corporais de uma natureza mais elevada do que a nossa, a lembrança das existências anteriores é mais precisa?

“Sim, à medida que o corpo se torna menos material, lembramo-nos melhor. A lembrança do passado é mais nítida, para aqueles que habitam os mundos de uma ordem superior.”

398. Sendo as tendências instintivas do homem uma reminiscência de seu passado, segue-se que, pelo estudo dessas tendências, ele possa conhecer as faltas que cometeu?

“Até um certo ponto, sim; mas, é preciso levar em conta a melhora que pôde operar-se no Espírito e as resoluções que tomou no estado errante; a existência atual pode ser muito melhor do que a precedente.”

a) Poderá ser pior, isto é, o homem pode cometer, numa existência, faltas que não cometeu na existência precedente?

“Isto depende do seu adiantamento; se não souber resistir às provações, pode ser arrastado a novas faltas, que são a consequência da posição que escolheu; geralmente, porém, estas faltas denotam muito mais um estado estacionário do que um estado retrógrado, pois o Espírito pode se adiantar ou estacionar, mas não retrocede.”

399. As vicissitudes da vida corporal sendo, ao mesmo tempo, uma expiação das faltas passadas e provas futuras, segue-se que, pela natureza dessas vicissitudes, se possa deduzir o gênero da existência anterior?

“Muito frequentemente, visto que cada um é punido por aquilo em que pecou; todavia, não se deve fazer disto uma regra absoluta; as tendências instintivas são um indício mais seguro, pois as provações que o Espírito experimenta referem-se tanto ao futuro, quanto ao passado.”

Ao chegar ao termo marcado pela Providência para sua vida errante, o Espírito escolhe, ele próprio, as provas a que quer se submeter para apressar seu adiantamento, isto é, o gênero de existência que julga o mais apropriado para lhe fornecer os meios, e essas provas estão sempre relacionadas com as faltas que ele deve expiar. Se delas triunfa, eleva-se; se sucumbe, tem que recomeçar.

O Espírito goza sempre de seu livre-arbítrio; é em virtude dessa liberdade que, no estado de Espírito, ele escolhe as provas da vida corporal e que, no estado de encarnado, ele delibera se fará ou não, e escolhe entre o bem e o mal. Negar ao homem o livre-arbítrio, seria reduzi-lo à condição de máquina.

Tendo retornado à vida corporal, o Espírito perde, momentaneamente, a lembrança de suas existências anteriores, como se um véu as ocultasse; todavia, algumas vezes, delas possui uma vaga consciência, e estas podem até ser-lhe reveladas, em certas circunstâncias; mas, então, isto só se dá pela vontade dos Espíritos superiores, que o fazem espontaneamente, com um fim útil, nunca para satisfazer uma vã curiosidade.

As existências futuras, em nenhum caso, podem ser reveladas pelo fato de dependerem da maneira segundo a qual efetua-se a existência presente e da escolha ulterior do Espírito.

O esquecimento das faltas cometidas não constitui um obstáculo à melhoria do Espírito, pois, se não tem uma lembrança precisa delas, o conhecimento que delas possuía no estado errante e o desejo que experimentou de repará-las, guiam-no, através da intuição, e dão-lhe a ideia de resistir ao mal; essa ideia é a voz da consciência, na qual é secundado pelos Espíritos que o assistem, se ele escuta as boas inspirações que lhe sugerem.

Se o homem não conhece os próprios atos que cometeu nas suas existências anteriores, pode sempre saber de que gênero de faltas ele se tornou culpado e qual era seu caráter dominante. Basta-lhe estudar a si mesmo, e pode julgar o que foi, não pelo que ele é, mas pelas suas tendências.

As vicissitudes da vida corporal são, ao mesmo tempo, uma expiação, com relação às faltas passadas, e provas, para o futuro. Elas nos depuram e nos elevam, conforme as suportamos, com resignação e sem reclamação. A natureza das vicissitudes e das provas que experimentamos pode também nos esclarecer sobre o que fomos e sobre o que fizemos, assim como julgamos, neste mundo, os atos de um culpado pelo castigo que a lei lhe inflige. Assim, este será castigado, no seu orgulho, pela humilhação de uma existência subalterna; o mau rico e o avarento, pela miséria; o que foi cruel para os outros, pelas crueldades que sofrerá; o tirano, pela escravidão; o mau filho, pela ingratidão de seus filhos; o preguiçoso, por um trabalho forçado, etc.

**LER É BOM... E LER O QUE É BOM, É MELHOR AINDA.
PRESTIGIE NOSSAS EDIÇÕES**



O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Allan Kardec – 14x21cm – 492 p. – ISBN 978-85-7297-346-5



Dentre o Pentateuco Espírita, este foi o primeiro livro publicado por Kardec. Nesta grandiosa obra, encontramos os princípios básicos da Doutrina Espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os seres humanos; as leis morais, a vida presente, a vida futura e o futuro da Humanidade, segundo os ensinamentos dados pelos Espíritos superiores através de médiuns de várias partes do mundo.

DISQUE  (21) 2452-7700 / 2452-1846

Site: www.edicoesleondenis.com.br
E-mail: editora@leondenis.com.br